



## Polêmica sobre a pandemia de Covid-19 em discursos religiosos em perspectiva bakhtiniana

Francisco Leite<sup>1</sup>  
Sandro Xavier<sup>2</sup>

**RESUMO:** Durante a fase inicial do isolamento exigido pela ocorrência da pandemia da Covid-19, foram escritos e disponibilizados para o grande público dois livros que, do ponto de vista da religião, explicam o referido evento inesperado e todas as ocorrências inoportunas implicadas na difusão da doença pelo mundo. Essas duas obras têm por título *Coronavírus e Cristo*, de John Piper; e *Deus e a Pandemia*, de N. T. Wright. No presente artigo, além da acepção que se faz do discurso religioso, realiza-se um estudo comparado dos dois textos, que são analisados pelo conceito de polêmica na perspectiva bakhtiniana. O resultado da análise da polêmica entre os enunciados que estão registrados nos dois textos aponta para a existência de discursos religiosos dotados de diferentes níveis de autoritarismo, os quais são proporcionais ao aspecto dialógico de cada um.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião; Discurso; Polêmica; Círculo de Bakhtin; Covid-19

63

**ABSTRACT:** During the initial phase of isolation required by the occurrence of the Covid-19 pandemic, two books were written and made available general public which explain the religion the referred unexpected event and all the unfortunate occurrences involved in the spread of the disease around the world. These two works are entitled *Coronavirus and Christ*, by John Piper, and *God and Pandemic*, by N. T. Wright. In this article, in addition to the meaning of religious discourse, the comparative study of the two texts is added, which are analyzed by the concept of polemics in the Bakhtinian perspective. The result of the analysis of the controversy between the statements that are recorded in the two texts points to the existence of religious discourses endowed with different levels of authoritarianism, which are proportional to the dialogical aspect of each one.

**KEYWORDS:** Religion; Speech; Controversy; Bakhtin Circle; Covid-19

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; bacharel em Letras (Português-Grego) pela Universidade de São Paulo; mestre em Ciências da Religião; doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo; Docente na Faculdade de Teologia Messiânica.

<sup>2</sup> Possui graduação em Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Bennett (1998), licenciatura em Letras-Português (2005), mestrado em Linguística (2008) e doutorado em Linguística (2014) pela Universidade de Brasília. Obteve o título de Doutor em Divindade (honoris causa) pela Faculdade de Teologia Oriente (Fator), em 2008; e o título de Doutor em Ministérios pela Harvesters School of Ministry - Theological Seminary (2016). Atualmente é assessor da presidência na Confederação Nacional da Indústria (CNI), onde é responsável pela qualidade de textos, documentações e correspondências. Tem experiência na área de linguística e teologia, com ênfase em análise de discurso, redação oficial, leitura e produção de texto, além de liturgia e homilética.



## Introdução

A proposta do presente artigo é apresentar a polêmica (em perspectiva bakhtiniana) existente em dois discursos religiosos que estão registrados em dois livros que foram escritos no início da pandemia da Covid-19, *Coronavírus e Cristo*, de John Piper (2020), e *Deus e a Pandemia*, de N. T. Wright (2020) – escritos respectivamente em março e abril de 2020. Graças aos avanços tecnológicos e comunicativos alcançados na área de publicação editorial e no seu mercado, ambos os textos rapidamente foram disponibilizados para o público interessado no Brasil.

Esses dois livros têm dimensão pequena, formato adequado para pessoas pouco afeiçoadas à leitura e linguagem direta. No Brasil, a proposta de ambos é alcançar o público leitor composto por religiosos, sobretudo, evangélicos, que buscam uma resposta transcendental – também podemos dizer existencial – para o infortúnio que é a pandemia da Covid-19. Somado a essas características, o processo que vai da escrita à comercialização desses livros se deu de modo muito rápido e a difusão alcançou significativo alcance entre o público pretendido.

No entanto, apesar de tantas semelhanças, há uma polêmica entre os conteúdos dos dois livros. Enquanto uma obra, de modo monológico, tenta justificar o acontecimento da pandemia a partir de um determinado ponto de vista teológico específico; a outra é um diálogo aberto sobre a pandemia, embora também esteja fundamentado em argumentos teológicos. Ambos os argumentos expressam a existência de tipos diferentes de discurso religioso e, no tocante a esse aspecto, vemos que os subsídios bakhtinianos permitem uma compreensão discursiva da polêmica que se dá nesse embate.

Assim, será realizada uma breve apresentação do discurso religioso e dos conceitos teóricos bakhtinianos que possibilitam a construção de uma proposta de estudo. Em seguida, será apresentada uma contextualização dos livros que são objeto de estudo e seus conteúdos serão analisados. Por fim, os dados obtidos nas análises dos conteúdos das obras serão confrontados sob a perspectiva bakhtiniana da polêmica.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

## **A constituição do discurso religioso e o dialogismo como critério avaliativo**

Para tratar do discurso religioso, temos partimos de uma relação indireta com a obra do Círculo de Bakhtin. Começamos por mencionar o filósofo Ernst Cassirer (1874, Breslávia -1945, Nova Iorque) – que, segundo Craig Brandist<sup>3</sup>, é um dos pensadores que mais influenciaram o pensamento de Bakhtin. Em *Ensaio sobre o homem*, Cassirer propõe o seguinte:

A religião, portanto, nunca pretende esclarecer o mistério do homem. Ela confirma e aprofunda esse mistério. O Deus de que ela fala é um *Deus absconditus*, um deus oculto. Logo, até mesmo a sua imagem, o homem, não pode ser senão misterioso. O homem também é um homem *absconditus*. A religião não é nenhuma “teoria” do Deus e do homem e da sua relação mútua. A única resposta que recebemos da religião é que é vontade de Deus ocultar-se. Assim, sendo Deus oculto, toda religião que não diga que Deus é oculto não é verdadeira; e toda religião que não dê uma razão para tal não é instrutiva (2012, p.27).

De acordo com esse excerto, a religião confirma o mistério que envolve o Deus que não pode ser alcançado pelos sentidos humanos. Assim, diante da realidade concreta, essa que é alcançada pela experiência, a divindade não pode ser conhecida e sua existência é justificada por meio de uma linguagem específica, a religião.

Enquanto – de acordo com as palavras de Cassirer – o mito “não tem pé nem cabeça” (2012, p.121), na religião, por sua vez, apesar de nela existir algo inerente ao mito, esse elemento essencialmente centrípeto da linguagem mítica, após se desenvolver na forma ritual, dogmatiza-se e é canalizado por certo senso institucional que é característico da religião. Como linguagem da religião – ou discurso religioso – deixa de ser unicamente expressivo (como é o mito) e alcança os níveis conotativo e denotativo em sua comunicação.

Esse senso institucional adquirido pelo discurso religioso que evoluiu do discurso mítico foi gerado pela estratificação da sociedade acompanhado pelo desenvolvimento de um acordo sobre a tradição e pelo desenvolvimento de

---

<sup>3</sup> BRANDIST, Craig. Bakhtin, Cassirer and Symbolic Forms. *Radical Philosophy*, 85 (September/October, 1997);. Neo-Kantianism in cultural theory Bakhtin, Derrida and Foucault. *Radical Philosophy*, 102 (July/August, 2000).

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

hierarquias que concedem a certos agentes da sociedade um discurso que se sobrepõe aos demais. O que significa que há determinado nível de autoritarismo em todo discurso religioso, diferenciando-se o nível em cada um dos discursos e das religiões específicas.

Assim, entendemos que religião ou o discurso religioso, ao lado de outras formas discursivas, é uma tentativa de explicar a realidade, apesar das aparências. De acordo com Vilém Flusser: “A filosofia, a religião, a ciência e a arte são os métodos pelos quais o espírito tenta penetrar através das aparências até a realidade e descobrir a verdade: O esforço abrange, portanto, todo o território da civilização humana” (2007, p.41).

Isso significa que, nessa perspectiva, a religião não é menos verdadeira do que as outras formas de linguagem; por outro lado, é menos racional que formas discursivas como a filosofia e a ciência, porque no discurso religioso falta o seu referente, que é Deus, e, dada essa ausência, recorre-se ao discurso de autoridade, que geralmente se fundamenta na tradição e no dogma.

Desse modo, enquanto é uma forma discursiva que, em algum nível, passa por alguma instituição, manifesta diferentes níveis de autoritarismo. Assim, a razão que se dá à suposta ocultação de Deus – inerente ao discurso religioso – pode ser mais ou menos autoritária, de acordo com argumentos específicos que o determinado discurso pretende justificar.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010) e em *Gêneros do Discurso* (BAKHTIN, 2016), por meio de ênfases específicas de cada obra, contrapõem-se o discurso dialógico e o discurso monológico. Enquanto o dialógico é aquele que está aberto e é construído diante o diálogo, empenhado em construir-se com a contribuição do enunciado do outro; o monológico é sinônimo de autoritário, petrificado, fechado para o outro. Nesses termos, há condições de avaliar os discursos religiosos apresentados.

No caso particular do tema abordado pelos discursos religiosos que pretendemos examinar, trata-se da pandemia da Covid-19, e, de acordo com o

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

sobrescrito propósito do discurso religioso, os textos elaborados pelos teólogos pretendem explicar o infortúnio ocasionado pela proliferação da doença a partir de determinado ponto de vista da fé em Deus.

Nesse aspecto, o que determinará se o autoritarismo de um e outro discursos religiosos é exacerbado ou não é o modo como o sujeito do discurso dialoga com seu interlocutor, como o sujeito do discurso se posiciona diante da situação concreta e como constrói seus enunciados fundamentando-os num dogma ou numa tradição de fé. Já que, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, diálogo e autoritarismo se opõem, o dialogismo pode ser utilizado como critério para avaliação dos referidos discursos justapostos.

**Polêmica em perspectiva bakhtiniana**

Em primeiro lugar, deve-se dizer que, para a compreensão da polêmica na perspectiva do Círculo de Bakhtin, é necessário abordar o conceito elementar “dialogismo”, pois toda polêmica é um enunciado que se constrói como uma resposta, uma contestação, uma réplica a outro enunciado. De acordo com Bakhtin:

Orientado para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro. Este último não se reproduz, é apenas subentendido; a estrutura do discurso seria inteiramente distinta se não houvesse essa reação ao discurso subentendido do outro (BAKHTIN, 2010, p.224).

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* há uma sugestão de que existe um nível polêmico presente em toda a comunicação:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.101).

*Problemas da Poética de Dostoiévski* (2010) contém especificações sobre diferentes propostas para se compreender a polêmica. Há uma distinção entre polêmica aberta e velada. Enquanto o primeiro tipo de polêmica acontece em discursos que estão diretamente orientados e têm como objeto o discurso

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

do outro; a segunda, por seu turno, dá-se quando o discurso do autor se orienta para o mesmo objeto, ainda que não haja referência direta ao discurso determinado (BAKHTIN, 2010).

A polêmica aberta contém um confronto direto entre discursos específicos e todo o contexto sócio-histórico implicado na conjuntura do determinado posicionamento enunciativo e axiológico indiciado no enunciado concreto que é envolvido na polêmica. A partir dessa perspectiva, então, o enunciado concreto que está inserido na corrente dialógica é o objeto de fundamental importância para a análise que se dá de forma extralinguística, já que envolve elementos sociais que não podem ser separados do discurso.

Por sua vez, a polêmica velada se caracteriza como uma luta em torno do sentido de um signo, uma reivindicação pelo direito que se tem pela proposição do significado de um enunciado específico, e de todos os fatores e elementos que estão implicados neste discurso. O seguinte excerto resume essa proposição de Bakhtin:

Nas primeiras palavras da confissão, a polêmica interior com o outro é velada. Mas a palavra do outro está presente de modo invisível, determinando de dentro para fora o estilo do discurso. Contudo, no meio do primeiro parágrafo a polêmica irrompe numa polêmica aberta: a réplica antecipável do outro se insere na narração, é verdade que em forma ainda atenuada (2010, p. 264).

Tanto em um caso como em outro, na polêmica contém-se o índice de conflitos ideológicos. No caso específico dos enunciados em análise, o conteúdo de dois livros sobre a pandemia da Covid-19, caracterizados como discursos religiosos, entram em questão as esferas de poder em que essas obras estão envolvidas, como apontamos ao mencionar que algum nível de autoritarismo de um discurso religioso pode ser indicado de acordo com as características dialógicas dos enunciados analisados. Cabe-nos refletir sobre isso a partir das ferramentas teóricas bakhtinianas.

Resta ainda esclarecer que, nessa acepção, a polêmica é o confronto entre vozes sociais de sujeitos que não compartilham os mesmos valores. Elas ecoam no campo da ideologia e, como tal, são de natureza extralinguística,



concretizada em situações de interlocução direta ou indireta, em enunciados concretos.

### ***Coronavírus e Cristo, de John Piper***

Com pouco mais de cem páginas, formatação favorável para leitura rápida e linguagem acessível para todos os públicos leitores, foi escrito, em março de 2020 – isto é, no momento inicial e mais aterrorizador da pandemia da Covid-19 –, o livro *Coronavírus e Cristo* (2020) pelo teólogo calvinista conservador John Piper, na ocasião, com setenta e quatro anos de idade.

A obra *Coronavírus e Cristo* (2020), logo após sua publicação nos Estados Unidos, foi traduzida para o português – e outros idiomas – e, simultaneamente, colocada no mercado e disponibilizada para *download* gratuito em formato de PDF na página da editora Fiel na internet – responsável pela publicação do livro no Brasil –, que também o disponibilizou em audiolivro e em outros formatos por meio de diversas plataformas digitais.

De acordo com a perspectiva de Bakhtin em *Os Gêneros do Discurso* (2016), podemos considerar o gênero de *Coronavírus e Cristo* (2020) como devocional. Nomeiam-se assim a literatura e, até mesmo, a atividade verbal realizada na prática da devoção. A característica desse gênero é a liberdade que o sujeito do discurso tem para relatar suas experiências pessoais. Ele também tem permissão para declarar-se como sujeito em seu determinado lugar social sem a necessidade de se reportar às fontes de autoridade bíblica e teológica. Quando a Bíblia é citada, o que acontece com frequência nesse gênero, ela é interpretada de modo livre, sem grande embaraço.

Como se trata de um discurso de um devoto para outro, o conteúdo de gênero devocional não tem profundidade teológica e pode-se dizer que, inclusive, certos equívocos são tolerados, porque o que se objetiva é o conforto, o consolo e a edificação de um leitor que partilha da mesma fé. Para o público religioso, a literatura devocional substitui a literatura de autoajuda realizada em círculos não definidos pela identidade religiosa e, como pode-se

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

observar nas listas de mais vendidos, geralmente os títulos de devocionais estão entre os mais comercializados pelas livrarias teológicas.

Os enunciados de Piper são emitidos sempre como se fossem proferidos por um ensinador que se dirige a um público que partilha das mesmas convicções, no caso, da mesma expressão de fé. Por isso ele não precisa usar recursos altamente persuasivos. Também por esse motivo, Piper não se priva de escrever “Bem, eu acho (...)” (2020, p.14), “Eu poderia dizer (...)” (2020, p.15), “(...) parecia-me óbvio (...)” (2020, p.23). Além disso, utiliza com frequência como recurso as perguntas retóricas (diatribe) que trazem a sensação de que seu público leitor está incluído no diálogo estabelecido pelo livro. Apesar disso, seus argumentos estão claramente acabados e não admitem problematização, como se verá na sequência.

O livro *Coronavírus e Cristo* (2020), desde o começo, tem um tom francamente proselitista. O primeiro capítulo tem por título: “Venha para a rocha” (PIPER, 2020, p.12-18), aludindo-se a um convite para que o leitor venha para Jesus, que é a rocha, conforme um simbolismo cristão muito popular. Apesar de evocar esse símbolo, o autor dedica-se nas páginas do primeiro capítulo a falar de sua vida pessoal, e do câncer, com o qual foi diagnosticado em 2005. Destaca-se, nessa parte, o modo como ele relata que refletiu sobre as probabilidades de sobrevivência e, em seguida, o modo como contrapôs a esperança nas probabilidades com a esperança em Deus. Essa menção à probabilidade de sua sobrevivência apesar do câncer é tomada para ser comparada com a probabilidade de infecção pelo novo coronavírus. Câncer e Covid-19 são comparados como inevitáveis riscos à vida. A situação que o levou a ter confiança em Deus em vez de refletir sobre a probabilidade de sobrevivência está enraizada na palavra de Deus, pois, segundo sua concepção: “A Bíblia, *corretamente entendida*, é a voz de Deus” (2020, p.13, grifo nosso). É óbvio que, em sua maneira de pensar, o modo correto de entender a Bíblia é o de sua convicção religiosa particular, em contraposição a todas as outras existentes no mundo.

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

O segundo capítulo, “Um sólido fundamento” (PIPER, 2020, p.19-25), desenvolve uma aplicação sobre a premissa de que a Bíblia é a palavra de Deus, feita no primeiro capítulo. Inicia-se com a afirmação do autor que diz que o que ele pensa sobre o coronavírus importa pouco. Em vez disso, “o que importa para sempre é o que Deus pensa” (2020, p.19). Para expressar o que Deus pensa, Piper cita treze passagens bíblicas sem contextualizá-las. Apesar de que, entre esses textos bíblicos, existem passagens que foram escritas, na melhor das hipóteses, entre os séculos 6º a.C. e 2º d.C., o teólogo alinha todos os versículos como se seu conteúdo pudesse ser considerado Deus falando para o povo no dia de hoje, conforme sua crença. Ainda de acordo com ele, acreditar nisso é produzido por uma glória “autoautenticadora” (2020, p.23) que está na Bíblia. Assim, não há outro recurso para mostrar que a Bíblia é a palavra de Deus a não ser seu próprio conteúdo iluminador, diante do qual a “fé não é um salto no escuro” – diferentemente da conhecidíssima afirmação do filósofo e pastor luterano Soren Kierkegaard (Copenhague, 1813; Copenhague, 1855), que afirma que a fé é um salto no escuro e, assim, fundamenta a filosofia existencialista.

O terceiro capítulo tem por título “A rocha é justa” (PIPER, 2020, p.27-34). A partir desse ponto o autor se coloca a explicar aquele que, segundo Cassirer em passagem supramencionada, é o propósito central da religião, a saber, “explicar que Deus se ocultou num momento e contexto em que uma realidade se mostra tão cruel”. Mesmo sem assumir que esse seja seu propósito, podemos depreender isso de sua declaração: “Uma pandemia global abala justamente a nossa confiança de que Deus é justo, santo e bom” (PIPER, 2020, p.28). A resposta para o problema mais fundamental de toda reflexão teológica e religiosa é dada de forma razoavelmente simples por Piper. Segundo seu argumento fundamentado num silogismo circular, a Bíblia afirma que a santidade, a justiça e a bondade de Deus são interligadas. A Bíblia não erra, logo, uma vez que tudo o que a Bíblia afirma é verdade, Deus é santo, justo e bom. Isso significa que, se existe uma pandemia, é porque Deus, que tem o domínio de tudo, desejou que essa pandemia acontecesse. Mesmo

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

assim, ele não deixa de ser santo, justo e bom, porque “ele não precisa de nada e não depende de nada” (PIPER, 2020, p.29). Inclusive, Deus não depende dos nossos critérios de avaliação do que seja santidade, justiça e bondade.

No capítulo quatro, “Soberano sobre tudo” (PIPER, 2020, p.35-40), o autor se dedica a descrever que algumas obras de Deus são amargas. Na sequência do que foi afirmado no capítulo anterior, Piper continua explicando que Deus é soberano sobre todas as coisas, inclusive sobre o novo coronavírus. As explicações dadas pelo teólogo não são fundamentadas em argumentações filosóficas nem teológicas, antes são oferecidas por meio de declarações simples, como: “O que Deus quer, ele faz” (PIPER, 2020, p.36) e “(...) tudo acontece porque Deus deseja que aconteça” (PIPER, 2020, p.36). Assim, após citar vinte e oito versículos bíblicos sem contextualização e sem exegese para mostrar que Deus governa todas as coisas, Piper, finalmente, declara, como decorrente da construção argumentativa anterior, que pode ser indicado pelo uso da conjunção conclusiva, “Portanto (...)”, que (...) “o coronavírus foi enviado por Deus”, e, a seguir, no mesmo parágrafo: “E Deus o ordenou [o novo coronavírus]” (2020, p.38).

O quinto capítulo é o último da primeira parte do livro e tem por título: “A doçura do seu reinado” (PIPER, 2020, p.41-47). O objetivo é mostrar que toda aquela soberania de Deus que lhe permite fazer tudo o que quer, inclusive enviar o novo coronavírus, deve ser recebida como uma boa notícia, pois Deus faz coisas que, aparentemente, são desagradáveis, mas, na verdade, são boas. Assim ele afirma: “O que Deus fez ao enviar Jesus para morrer pelos pecadores tem tudo a ver com o Coronavírus” (2020, p.42). A ideia é que se, por um lado, Deus faz coisas desagradáveis, por outro, tudo o que pode ser considerado agradável e bom também foi feito por ele. Conforme afirma: “*A soberania que poderia parar a crise do coronavírus, ainda que não o faça, é a mesma que sustenta a alma durante esse tempo*” (PIPER, 2020, p.45, *italico do autor*).

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

A segunda parte do livro tem um pequeno trecho de “Pensamentos preliminares: ver e apontar” (PIPER, 2020, p.51-56) mais seis capítulos (6. Ilustrando o horror moral; 7. Enviando julgamentos divinos específicos; 8. Despertando-nos para a segunda vinda; 9. Realinhando-nos ao valor infinito de Cristo; 10. Criando boas obras em meio ao perigo; 11. Desprendendo as raízes para alcançar as nações) (PIPER, 2020, p.57-91). Uma vez que entendemos que toda essa segunda parte está unida pelo mesmo propósito, que indicarei abaixo, parece conveniente considerá-la um todo.

Em “Pensamentos preliminares”, encontramos o tipo de silogismo que fundamenta toda a argumentação e, na verdade, toda a teologia que Piper expõe em seu livro devocional. A ideia é que, quando se pergunta pelo governo de Deus sobre todas as coisas, a resposta seja afirmativa, uma vez que seu interlocutor é o público crente. Dessa premissa, parte-se para a segunda, que é admitir a existência do novo coronavírus, cuja resposta espera-se que seja afirmativa. Das duas premissas aceitas pelo interlocutor decorre a conclusão: Deus enviou o novo coronavírus. Veja abaixo:

73

**Argumento 1: Deus governa sobre todas as coisas.**

**Argumento 2: Existe uma pandemia da Covid-19**

**Logo: Deus enviou a pandemia da Covid-19**

Nas palavras do próprio teólogo:

Se Deus não foi destronado, se, de fato, ele governa “todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11), e se esse surto de coronavírus, com toda a sua devastação, estiver em suas santas, justas, boas e sábias mãos, então o que ele está fazendo? Quais são os seus propósitos?

Admitida a conclusão a que se chega pelo silogismo, o objetivo da segunda parte do livro será mostrar que há propósitos pelos quais Deus enviou a pandemia da Covid-19. Esses propósitos são descritos nos seis capítulos que estão na sequência. Resumidamente o propósito de Deus é (cap. 6) mostrar que a doença é causada pelo pecado e indica o aspecto mais horroroso da pecaminosidade humana; (cap. 7) embora não seja válido para todas as

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

peçoas, Deus proporciona que algumas contraíam a doença como forma de julgamento divino; (cap. 8) a pandemia chama atenção das pessoas para estarem prontas para a segunda vinda de Jesus<sup>4</sup>; (cap. 9) a pandemia proporciona uma ocasião para o arrependimento dos cristãos e o realinhamento a Cristo; (cap. 10) o momento é um convite para fazer boas obras; e (cap. 11) a pandemia indiretamente indica a necessidade de fazer a obra missionária para “povos não alcançados”<sup>5</sup>.

Por fim, após os seis capítulos da segunda parte, o livro termina com uma breve oração espontânea de duas páginas, redigida ao estilo tipicamente evangélico, como um diálogo franco e direto com Deus no qual se expõem as necessidades do orante.

***Deus e a Pandemia: Uma resposta cristã sobre o coronavírus e suas consequências*, de N. T. Wright**

Um mês após Piper escrever *Coronavirus e Cristo* (2020), em abril de 2020, o ex-bispo anglicano, o britânico Nicholas Thomas Wright (mais conhecido como N. T. Wright), aos seus 71 anos de idade, escreveu o livro: *Deus e a Pandemia: Uma resposta cristã sobre o novo coronavírus e suas consequências* (2020).

No formato de livro de bolso, com 138 páginas, publicado pela Editora Thomas Nelson, que tem em seu catálogo livros teológicos e seculares, o livrinho *Deus e a Pandemia* (WRIGHT, 2020) rapidamente foi traduzido para o português. Esteve entre os mais vendidos de sua categoria, mas sua circulação não foi tão grande quanto à de *Coronavirus e Cristo* (2020), porque o texto não foi disponibilizado em tantos formatos nem foi distribuído gratuitamente em configurações alternativas.

Do ponto de vista do gênero discursivo, *Deus e a Pandemia* (WRIGHT, 2020) também pode ser classificado como devocional, pois se trata de um livro

---

<sup>4</sup> Na linguagem teológica o termo é *parousia*. Refere-se à vinda escatológica de Jesus para condenar os pecadores e recompensar os que foram fiéis ao evangelho.

<sup>5</sup> Por “povos não alcançados”, os evangélicos referem-se aos povos afastados da civilização ocidental que não foram evangelizados.

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

que tem um discurso que parte de uma reflexão religiosa, escrito por um ex-bispo, fundamentado na fé cristã, elaborado com o objetivo de aconselhar, encorajar e confortar os cristãos num momento de dúvidas existenciais e muitas dificuldades concretas.

No entanto, diferentemente do livro de Piper, *Deus e a Pandemia* (WRIGHT, 2020) presume como interlocutor um público mais amplo e heterogêneo, não um grupo evangelical específico, mas uma audiência mais ampla, pois, originalmente, Wright escreveu um artigo para a revista *Time*, o qual foi transformado em livro posteriormente. Esse público leitor pode ser chamado de cristãos secularizados, termo com o qual se pretende descrever cristãos de todos os níveis intelectuais que fazem sua expressão de fé dialogar com sua racionalidade sem perda para nenhum dos dois lados.

O autor também se coloca como sujeito que não oculta seu lugar social enquanto trata do assunto. Quanto aos seus objetivos, ele não se identifica como quem pretende apresentar “soluções” (2020, p.10), mas como alguém que tem uma proposta mais modesta, pois afirma que entende ser “importante manter nossas reações dentro dos limites bíblicos” (2020, p.9).

No capítulo 1, “Por onde começamos” (2020, p.13-24), em primeiro lugar, o livro se abre demonstrando que uma das ideias norteadoras de todo o texto é a preocupação com a responsabilidade de cada um durante a pandemia. Menciona a reação de americanos e britânicos frente ao início da pandemia da Covid-19 na China, quando estavam pouco preocupados, porque consideravam que a doença era algo que acontece em um lugar muito distante. Em seguida, o autor trata da “pergunta que receamos fazer: por quê?” (2020, p.18), pois, se nas sociedades antigas do mundo Greco-Romano, o que explicava os males que assolavam o povo era o fato da insatisfação dos deuses por causa da escassez de sacrifícios oferecidos a eles, na nossa sociedade, esse tipo de resposta não é mais satisfatória. Estamos impossibilitados de responder o porquê, mas podemos responder à pergunta “o que podemos fazer?”. No contexto trazido pela pandemia, voluntários estão agindo como os primeiros cristãos agiram no começo do cristianismo, quando

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

colocavam suas próprias vidas em risco para cuidar das dos outros. Por fim, Wright critica as teorias da conspiração e o jogo de culpa que foi criado para dar uma resposta imediata a um problema novo que ainda não tem explicação. Isso dá condições para a “indústria do fim dos tempos” (WRIGHT, 2020, p.22) lucrar com seus livros que tratam do assunto. Também leva certos cristãos à suposição de que têm oportunidade de trazer mais pessoas para a igreja, já que o ambiente preocupante é favorável nesse sentido. Enquanto isso, outros cristãos atribuem a Deus as coisas ruins que estão acontecendo porque ele está zangado, como se fosse um deus pagão.

No segundo capítulo: “Lendo o Antigo Testamento” (WRIGHT, 2020, p.25-38), Wright começa citando, de modo irônico, Amós 3.7: “Deus não faz coisa alguma sem revelar o seu plano aos seus servos, os profetas”. A ironia está no fato apontado pelo autor, que afirma que muitas pessoas de nosso mundo se acham profetas e atribuem razões diversas para a pandemia, apesar de nenhuma delas ser convincente. Para resumir essa situação em que muitos profetas dão pareceres diferentes, o autor afirma: “Às vezes, temos a impressão de que o coronavírus fornece às pessoas um megafone com o qual poderão dizer, de modo ainda mais acentuado aquilo que desde o início desejavam dizer” (WRIGHT, 2020, p.27). Apesar disso, o ex-bispo não quer dizer que “não há lições importantes e bastante óbvias a serem aprendidas” (WRIGHT, 2020, p.27), mas esses aprendizados virão por meio de uma “análise fatural e pés no chão” (WRIGHT, 2020, p.28), não por meio do “conveniente e paralelo salto moralista” (WRIGHT, 2020, p.28), o qual presume uma resposta relacionada com questões morais e ignora as importantes questões geopolíticas que realmente estão envolvidas no problema social ocasionado pela pandemia da Covid-19. Para os que seguem a orientação moralista e presumem que o que ocasiona a pandemia e todas as suas consequências é o pecado, o autor indica a leitura do livro de Jó, no qual o sofrimento não pode ser justificado por argumentos humanos, uma vez que o sofredor Jó é declarado justo pelo próprio Deus.

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

No capítulo de número 3, “Jesus e os Evangelhos” (WRIGHT, 2020, p. 39-62), o autor insiste na importância da leitura do evangelho que revela Jesus, que é mais importante do que outros elementos indicados na Bíblia. Wright afirma que, no contexto de pandemia, aqueles que afirmam que os acontecimentos atuais indicam a “segunda vinda de Cristo” presumem saber mais que o próprio Jesus, que afirmou no evangelho que não sabia o dia nem a hora da *parousia* (Mc 13.32). De acordo com o evangelho, não são as desgraças como guerras, pestes, cataclismos e sinais que representam um chamado ao arrependimento, em vez disso, o chamado para a mudança de vida vem por meio de Jesus. No lugar de arranjar justificativa para as mortes ocasionadas pelo novo coronavírus, os cristãos deveriam fazer como Jesus que não esboçou respostas, mas chorou diante da experiência da morte. Os equívocos que buscam indicar que as desgraças atuais são indicativos da vinda de Jesus seriam evitados se os cristãos soubessem que no Novo Testamento a doutrina da providência e da expiação são inseparáveis.

77

Na sequência, o quarto capítulo, “Lendo o Novo Testamento” (WRIGHT, 2020, p.63-98), é um chamado para os cristãos que vivem a crise da época de hoje a se comportarem com base na atitude que os cristãos de Antioquia tiveram, que está registrado no livro de *Atos dos Apóstolos*. Essa narrativa chama atenção para o fato de os cristãos não terem se limitado ao questionamento abstrato, mas se preocuparem com problemas concretos e fazerem três perguntas: “Quem correrá maior risco quando o problema acontecer? O que podemos fazer para ajudar? A quem enviaremos?” (WRIGHT, 2020, p.68). Essa preocupação dos primeiros cristãos com problemas concretos se baseia no principal ensino de Jesus, o Sermão da Montanha, que não se refere à ética, mas à missão de todo cristão. Dada essa importância que a preocupação com o outro tem para a fé cristã, destaca-se a relevância do pobre de espírito (WRIGHT, 2020, p.72), que deve ser o objeto da preocupação dos cristãos. Nesse ponto, em que se destaca a importância da preocupação com as coisas concretas, em vez de buscar o porquê, Wright mostra que a pandemia não deve ser tomada como um “sinal do tempo” que

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

aponta para a *parousia*, mas, para além disso, aponta para o sofrimento da criação divina (Romanos 8.22). O próprio Deus está gemendo junto com sua criação, e isso não tem nada a ver com um chamado mais agressivo de evangelismo, pois Deus quer governar o mundo por meio do ser humano (WRIGHT, 2020, p.83). Diante de tudo isso, os cristãos devem estar certos de seu olhar para ajudar os necessitados, em vez de querer saber o motivo da pandemia. Não saber é por si só a condição certa. Podemos não saber o porquê da pandemia, mas podemos vislumbrar o que deve ser feito (WRIGHT, 2020, p. 96).

Por fim, o ex-bispo expressa, no quinto e último capítulo, intitulado “Para onde vamos daqui?” (2020, p.99-138), que o lamento é a melhor resposta cristã a esta pandemia e que análises racionalistas do mal nesse contexto são insatisfatórias, assim como foram insatisfatórias em outras situações. Wright constata que “Lágrimas, portas trancadas e dúvida parecem caminhar de mãos dadas” (2020, p.113) durante o período de isolamento. O que traz uma reflexão crítica sobre a divisão de tarefas entre Igreja e Estado: a igreja destina-se ao cuidado espiritual e o Estado destina-se a cuidar da saúde. A respeito disso, afirma que concordar com essa dualidade seria uma “rejeição platônica do mundo”. Na sequência, trata das questões que envolvem a não realização de atividades presenciais nas igrejas, o que, segundo ele é necessário, apesar de submeter os cristãos a reflexões indesejadas. Também menciona, ainda que brevemente, o problema enfrentado pelos cristãos da impossibilidade de realizar a santa ceia, a qual, pela imposição do isolamento social, só pode acontecer à distância. O último argumento antes da oração fala sobre iniciativas concretas aguardadas. Finaliza com uma oração, o Salmo 43.3-5.

78

**Análise da polêmica**

Quanto à polêmica que estamos abordando, parece que Wright, ao escrever seu livro, não está reagindo diretamente à publicação de Piper, mas sim à ideologia que está por detrás dele. Assim, consideramos que o diálogo existente entre as duas obras se trata de uma “polêmica velada” nos termos

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

bakhtinianos, pois, reiteramos que, nesse tipo de polêmica: “A palavra do outro está presente de modo invisível” (BAKHTIN, 2010, p.264).

Para tratar primeiro do conteúdo do livro de Piper, por assim dizer, de seu discurso, observamos que, apesar do título, o tema principal do seu livro não é o novo coronavírus, mas, sim, a doutrina calvinista conservadora defendida pelo autor. Essa afirmativa justifica-se com base na ausência de qualquer informação relacionada com o vírus, com seu contexto ou com suas consequências, pois não se menciona nada a respeito de pessoas contagiadas, sobre a transmissão do vírus e os modos de prevenção, sobre as implicações econômicas do isolamento social ocasionado pela pandemia, sobre os desgastes psicológicos causados às pessoas que ficaram isoladas, sobre a situação dos cristãos que não podem se reunir em seus templos nem partilhar do sacramento da eucaristia, enfim, nada da situação concreta que envolve a pandemia da Covid-19. Parece que nesse livro o novo coronavírus é um elemento metafísico como os demais assuntos relacionados com a Teologia.

79

Piper compara a ameaça à vida representada pelo novo coronavírus com a que ele sofreu com o câncer, quinze anos antes de escrever seu livro. “E se não fosse o coronavírus, seria o câncer apenas esperando para se repetir” (2020, p.14). Além disso, o teólogo contrapõe o “estou bem” ao “sinto-me bem” (2020, p.16), reduzindo toda a situação socioeconômica indesejada que a pandemia causou a uma questão de afirmação de sentimento. Também a séria questão envolvida na probabilidade de contração da Covid-19 é reduzida à afirmação religiosa: “*Nossa esperança não está na probabilidade; nossa esperança está em Deus*” (2020, p.12, itálico do autor).

A maior parte do discurso é um tratado teológico sobre a soberania de Deus, de acordo com a convicção dos calvinistas conservadores. As menções ao termo “coronavírus” aparecem outras vezes, mas em todas as ocasiões seu sentido é esvaziado. Ou seja, se o termo “coronavírus” fosse substituído por qualquer outro termo que designe um infortúnio, como outra doença contagiosa, um cataclismo, um desastre econômico, um genocídio ou qualquer

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

outro problema imaginado, as respostas dadas por Piper serviriam do mesmíssimo jeito.

Partindo desse princípio, verifiquemos abaixo as seis respostas dadas por Piper sobre porque Deus enviou o novo coronavírus, mas, nos excertos citados, substituiremos o termo “coronavírus” por outro qualquer que designe um infortúnio, a palavra que colocamos para substituí-la está em negrito:

Resposta 1: *Deus está dando ao mundo, **pelo contágio de HIV**, assim como em todas as outras calamidades, uma ilustração física do horror moral e da feiura espiritual do desdenhoso pecado* (2020, p.57, itálico do autor);

Resposta 2: *Algumas pessoas **caíram em profunda miséria econômica** como um julgamento específico de Deus por causa de suas atitudes e ações pecaminosas* (2020, p.63, itálico do autor);

Resposta 3: ***O rompimento da barragem de Brumadinho** é um alerta de Deus para estarmos prontos para a segunda vinda de Cristo* (2020, p.67, itálico do autor);

Resposta 4: ***A ameaça da III Grande Guerra** é um chamado estrondoso de Deus para nos arrependermos e realinharmos as nossas vidas ao valor de Cristo* (2020, p.71, itálico do autor);

Resposta 5: ***O tsunami** é a convocação de Deus ao seu povo para superar a autocomiseração e o medo e, com alegria corajosa, fazer as boas obras de amor que glorificam a Deus* (2020, p.81, itálico do autor);

Resposta 6: *Através da **falta de água potável**, Deus está desprendendo as raízes dos cristãos acomodados, em todo o mundo, para libertá-los para algo novo e radical e enviá-los com o evangelho de Cristo aos povos não alcançados do mundo* (2020, p.89, itálico do autor).

80

As palavras em negrito substituíram “coronavírus” no texto original, mas, como se percebe, o sentido proposto pelo autor não se altera. Se os termos em negrito de qualquer das seis respostas fossem intercambiados, nenhum prejuízo seria realizado para o discurso.

Assim fica claro que o que está em questão não é o novo coronavírus, mas a pauta ideológica expressa num discurso religioso monológico e autoritário. Consideramo-lo monológico, porque seus argumentos são pré-estabelecidos de acordo com os dogmas religiosos elencados. O discurso não se dirige a um “outro” que seja uma pessoa concreta, com dúvidas concretas sobre o contexto absolutamente novo em que se está vivendo uma crise sanitária que não tinha sido vivida pela atual geração da humanidade.

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

Nesse caso, o outro serve apenas para receber as informações que se baseiam na autoridade da “palavra de Deus”, à qual não cabe questionamento. “A primeira coisa a dizer, antes de tentar responder a essa pergunta é que, comparada à sabedoria de Deus, minha opinião não conta para nada. A sua também não” (PIPER, 2020, p.51). Verifica-se, nesse caso, um discurso claramente autoritário.

No entanto, apesar da afirmação sobre não ser sua opinião, mas sim, a palavra de Deus, toda a ideologia que subjaz por detrás do enunciado de Piper pode ser verificada no discurso religioso de sua denominação cristã, cujo desenvolvimento histórico é mapeado historicamente.

Piper é um calvinista conservador, no caso, nomeiam-se assim os teólogos que se propõem a seguir a teologia do reformador francês João Calvino (1509; Noyon – 1564; Genebra), responsável pela implantação da Reforma Protestante em Genebra no século 16 e aclamado pelo desenvolvimento do método histórico-gramatical de leitura bíblica, que se caracteriza como um procedimento de leitura filológica e humanística que no século 16 se contrapôs ao método de leitura alegórica, característico dos exegetas católico-romanos.

Diferentemente do que se espera, os calvinistas conservadores não fundamentam suas doutrinas nas ideias de João Calvino, mas sim num calvinismo que surgiu depois da morte do reformador francês, a partir de seu discípulo Teodoro Beza (1519, Vézalay – Genebra, 1609) e alcançou seu auge no calvinismo puritano inglês do século 17, formalizado e registrado na *Confissão de Fé de Westminster* (1643-1649), que é seguida até hoje por denominações protestantes.

Ao longo da história, a característica dessa linha calvinista seria o reacionarismo à ciência e às revoluções sociais, mesmo em casos que não foram presumidos por Calvino ou pela Confissão de Fé de Westminster, pois é fácil notar que seria anacrônico, tanto para o reformador João Calvino quanto para o documento elaborado pelos puritanos do século XVII, presumir certos temas que só poderiam ter surgido em época posterior às descobertas

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

científicas do século 19, como é o caso da Teoria da Evolução das Espécies, de Charles Darwin (1809, Shrewsbury – Downe, 1882), que é fortemente combatida pelos calvinistas conservadores que contrapõem-lhe o, assim chamado, “criacionismo”, que é a afirmação dogmática de que Deus criou as espécies e as colocou no mundo como estão, a qual se fundamenta na leitura literal da Bíblia, mas não na ciência. Piper faz uma alusão ao criacionismo em seu livro ao falar de Adão e Eva (2020, p.61).

Outra característica da doutrina calvinista conservadora anacrônica para Calvino é o proselitismo, que, sob a afirmação de salvar almas do inferno, pode ser definido pela prática de convencimento de verdades religiosas, fundamentada na ideia de exclusivismo religioso. Como é característico em muitas denominações evangélicas do Brasil, o objetivo do fiel é convencer as pessoas de que a sua própria igreja é a correta e assim fazê-las se converterem e aumentar o número de fiéis nas fileiras dessa denominação. Apesar disso, no século 16, religião não era uma opção pessoal, mas uma exigência civil imposta pelo Estado. Católicos e protestantes realizaram a sangrenta Guerra dos Trinta Anos (1618 – 1648) para disputar territórios europeus e nada tinha a ver com a aderência pessoal de indivíduos que optassem por uma ou outra denominação cristã. Além disso, o proselitismo também é característico dos movimentos missionários evangélicos que enviaram missionários que, ao mesmo tempo em que evangelizavam, também contribuíram para a colonização de povos pobres da América do Sul, da África e da Ásia pelas culturas das potências europeias e, também, pelos Estados Unidos. Piper menciona, por duas vezes, o inferno (2020, p.54, 63) e afirma a necessidade de “evangelização mundial” (2020, p.91) e de missão para “os não alcançados” (2020, p.89).

Mais uma coisa que é totalmente alheia ao pensamento de Calvino e também dos calvinistas do século 17 é a doutrina sobre o fim dos tempos chamada “pré-milenarista”, que, a partir de muitas interpretações minuciosas de passagens bíblicas, insiste enfaticamente na ocorrência iminente da vinda de Cristo como evento concreto a se realizar na História, após o qual se

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

realizará o período chamado milênio. Sem muita dificuldade, estudiosos indicam que o pré-milenarismo é um ensino do século 18 que foi popularizado no século 19.

Por fim, há o continuacionismo, que é a crença que prodígios, milagres e sinais como os que são narrados nos livros bíblicos do Novo Testamento continuam a acontecer em nossos dias como supostamente aconteceram no passado, na época da atividade dos apóstolos. No entanto, a querela sobre a literalidade ou não dos eventos miraculosos dos tempos bíblicos só surgiu na virada do século 19 para o 20, quando surgem reflexões teológicas que tentam associar a fé cristã com a ciência positivista. Muitas dessas tentativas de associar as expressões opostas fé e ciência alegavam que milagres são símbolos que nunca aconteceram concretamente, mas são narrados como crença popular, incentivo à fé e solidariedade, e histórias com fundo moral. Esse tipo de reflexão foi divulgado pela Teologia Liberal e gerou a reação de movimentos conservadores que afirmaram a realização concreta de milagres no passado e a continuidade da manifestação desses milagres no presente. Essa crença na literalidade das escrituras é o que fundamenta as citações bíblicas de Piper aplicadas para o dia de hoje sem realização de um exercício hermenêutico.

83

Todas essas características do calvinismo conservador tiveram seu surgimento formalizado no movimento fundamentalista que se originou entre o fim do século 18 e o início do 19, cujo pressuposto elementar é a leitura literal da Bíblia e a exigência de sua utilização para a vida de todos como regra de fé e prática, sem intermediação hermenêutica e praticamente sem explicitação do contexto histórico-social em que os textos bíblicos foram escritos (NOGUEIRA, 2002).

Quanto a Wright, sua história como ex-bispo anglicano e erudito envolvido com pesquisas de ponta sobre estudos do Novo Testamento aponta para sua tradição ecumênica de abertura tanto para o diálogo com diversos públicos quanto para as novas teorias científicas que surgem no ambiente acadêmico. É, também, graças a essa condição que ele foi convidado a

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

escrever um artigo sobre a pandemia da Covid-19 para a *Revista Times* no primeiro trimestre de 2020.

As igrejas protestantes europeias oriundas da Reforma do século 16 desenvolvem um intenso diálogo entre as denominações cristãs desde o século 19, no qual também os católicos romanos se inseriram posteriormente. O objetivo desse diálogo chamado “ecumenismo” é manter a boa convivência, incentivar a tolerância e o respeito aos que têm confissão cristã diferente. Como alguém que serviu à Igreja Anglicana, a qual, desde a origem do ecumenismo esteve empenhada no seu desenvolvimento, Wright traz, na sua linguagem, essa marca que se caracteriza por falar a todos os públicos religiosos, tratando-os, igualmente, como cristãos, sem ideias proselitistas.

Também as grandes faculdades de Teologia pelas quais o ex-bispo passou exigem abertura para o diálogo e para novas descobertas científicas. Como qualquer outro ambiente acadêmico, na Teologia também há empenho pela busca da verdade por meio de pesquisas científicas, as quais, muitas vezes, podem romper paradigmas tradicionais. No caso específico, na década de 1970 irrompeu a discussão entre os especialistas em Teologia Bíblica sobre o apóstolo Paulo. De acordo com novos dados levantados sobre o contexto em que os textos bíblicos do Novo Testamento foram escritos<sup>6</sup>, o apóstolo Paulo era um judeu discutindo com outros judeus ambos inseridos no contexto histórico-social mais amplo do Judaísmo. Essa descoberta rompeu com uma antiga tradição interpretativa protestante relacionada com Matinho Lutero e João Calvino, que consideraram que o Cristianismo e o Judaísmo eram expressões religiosas antagônicas já no primeiro século, ignorando que ambos eram expressões religiosas dentro de uma mesma tradição, pois o Cristianismo era uma seita judaica em sua origem.

Teólogos tradicionais não aceitam mudanças de paradigmas e essa teoria, para a qual Wright contribuiu muito no seu desenvolvimento, apesar de estar bem estabelecida entre acadêmicos, recebe muita resistência entre

---

<sup>6</sup> Referimo-nos às descobertas dos Manuscritos do Mar Morto, realizadas durante as décadas de 1940 e 1950, que na década de 1970 já estavam sendo estudados em profundidade pelos eruditos.

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

teólogos conservadores da linha supracitada. O teólogo anglicano foi um dos poucos que se empenharam em discutir com conservadores e divulgar a descoberta acadêmica para públicos amplos de pessoas não especializadas, pois geralmente essa discussão fica restrita a um pequeno grupo de acadêmicos.

Também no âmbito da academia, Wright pesquisou sobre “o Jesus histórico”. Com esse termo, a pesquisa erudita se refere ao estudo da figura humana de Jesus que viveu na Palestina no primeiro século da atual era, isentando-a das afirmações dogmáticas que a envolvem, as quais recebem o nome de Cristologia. Mesmo realizando estudos de alto teor crítico, Wright entende que isso serve para cooperar com a compreensão dos fieis de todos os níveis intelectuais ainda que os resultados vão em direção contrária a certas tradições, pois, no fim, darão esclarecimentos importantes sobre a fé dos primeiros cristãos.

A abertura para o diálogo advinda de influências que o teólogo recebeu ao longo de sua vida é característica da linguagem de seu livro *Deus e Pandemia* (2020) e pode ser demonstrada por meio da falta de oferecimento de respostas e soluções concretas por parte do autor no que se refere à pandemia da Covid-19. Em vez disso, seu texto é muito mais uma conversa sobre os problemas a serem enfrentados pela sociedade atualmente a partir de um ponto de vista cristão amplo, não denominacional. Isso pode ser verificado na abertura do último parágrafo, em que afirma: “Não cabe a mim dizer às lideranças da Igreja, muito menos às lideranças de outras comunidades de fé, como planejar os meses seguintes (...)” (2020, p.137).

Nesse caso, a causa da pandemia é um mistério que não pode ser respondido adequadamente, mas que não se ignore que também Deus é um mistério – *absconditus*, conforme Cassirer. O que significa que, também nas palavras de Wright, o discurso religioso oferece uma resposta para a pergunta metafísica ou transcendental que questiona o porquê de uma situação concreta.

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

Tendo informações que nos permitem sondar a ideologia dos dois teólogos, passamos agora à comparação do discurso de Piper com o de Wright. Reiteramos que em nenhum momento afirma-se que os enunciados de um livro são construídos diretamente para dialogar com o conteúdo do outro. Mesmo assim, depois de termos acessado com mais detalhes o conteúdo de *Coronavírus e Cristo* (2020), chama-nos atenção quando lemos em *Deus e a Pandemia* (2020) a seguinte afirmação: “Às vezes, temos a impressão de que o novo coronavírus fornece às pessoas um megafone com o qual poderão dizer, de modo ainda mais acentuado aquilo que desde o início desejavam dizer” (2020, p.27), que se, como nos parece, não é dirigida contra o enunciado de Piper, mesmo assim acaba entrando em polêmica velada com *Coronavírus e Cristo* (2020).

Podemos afirmar o mesmo quanto às seis respostas dadas por Piper como justificativa de Deus ter mandado o Coronavírus. Wright, polemicamente, responde o seguinte: “Alguns pensam saber exatamente o que Deus está fazendo com tudo isso” (2020, p.21).

Ainda quanto às supramencionadas seis respostas de Piper sobre porque Deus enviou a pandemia, parece que esse é o ponto mais polêmico, pois Wright rejeita respostas elaboradas que pretendam justificar o motivo da pandemia porque considera insatisfatórias todas as “análises racionalistas do mal” (2020, 110) que foram feitas em outras ocasiões, tanto quanto as que são feitas neste momento.

Além disso afirma:

Concluir precipitadamente que um terremoto, um tsunami, uma pandemia ou qualquer outra coisa traduzem o que “Deus está dizendo aqui”, sem levar em conta a história do evangelho, é cometer o erro teológico básico de tentar deduzir algo sobre Deus, mas ignorando Jesus (2020, p.51)

De modo ainda mais claro diante da insistência de Piper na soberania de Deus, Wright declara: “Muita conversa sobre o que Deus está fazendo na pandemia do coronavírus pressupõe que ele é soberano, bem como o

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

significado dessa soberania. Jesus, porém, revelava um significado diferente de soberania divina” (2020, p.49).

Também em polêmica com a proposição de Piper sobre a soberania de Deus, que pode ser resumida por sua seguinte expressão: “Tudo acontece porque Deus deseja que aconteça” (2020, p.37), está a afirmação de Wright: “Deus quer governar o mundo por meio do ser humano” (2020, p.83).

Além disso, Piper também apresenta, como um dos motivos da ocorrência da pandemia, a “ira de Deus” (2020, p.33). Wright, por sua vez, entende que atribuir à ira de Deus os problemas existentes em uma sociedade é retomar uma antiga prática pagã (2020, p.17)

De modo mais incisivo, embora velado, a afirmação de Wright sobre “indústria do fim dos tempos” (2020, p.22), na qual ele, inclusive, menciona alguns títulos de livros escatológicos, parece estar se dirigindo a toda publicação que aproveita momentos e situações críticas que a humanidade atravessa para divulgar ideias sobre a vinda de Cristo (*parousia*), como é o caso de *Coronavírus e Cristo* (2020) que afirma: “*O Coronavírus é um alerta de Deus para estarmos prontos para a segunda vinda de Cristo*” (PIPER, 2020, p.67, itálico do autor).

Ainda sobre esse assunto, Wright afirma: “Qualquer reivindicação de interpretação a partir de acontecimentos mundiais sobre quando ocorrerá a segunda vinda é uma pretensão de saber mais do que o próprio Jesus sabia” (2020, p.51).

Wright fala de “um tipo agressivo de evangelismo” quando parece, polemicamente, estar aludindo à fala de Piper que afirma que o Coronavírus serve como um encorajamento para o envio de missionários para países que não são predominantemente cristãos. Em suas próprias palavras:

*Através do Coronavírus, Deus está despreendendo as raízes dos cristãos acomodados, em todo o mundo, para libertá-los para algo novo e radical e enviá-los com o evangelho de Cristo aos povos não alcançados do mundo* (2020, p.89, itálico do autor).

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

Portanto, em passagens como as citadas e contrapostas, mas também pelas próprias constituições dos dois livros, verifica-se que a polêmica, entendida como uma guerra simbólica realizada por meio de discursos, dá-se com o objetivo de responder, por meio de um discurso religioso, o porquê da pandemia, por um lado, a causa da pandemia é a vontade de Deus, por outro é um mistério; por um lado, Deus e sua vontade são plenamente conhecidos pela leitura da Bíblia, por outro, Deus e sua palavra são tão misteriosos quanto as coisas que acontecem em nossa realidade concreta.

**REFERÊNCIAS**

- BAKHTIN, Mikhail M. *Os Gêneros do Discurso*. São Paulo: Edições 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da Poética de Dostoiévski* – 5ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BRANDIST, Craig. Bakhtin, Cassirer and Symbolic Forms. *Radical Philosophy*, 85 (September/October, 1997).
- BRANDIST, Craig. Neo-Kantianism in cultural theory Bakhtin, Derrida and Foucault. *Radical Philosophy*, 102 (July/August, 2000).
- BRANDIST, Craig. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. London/Sterling: Pluto Press, 2002.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem*. Col. Biblioteca do Pensamento Moderno. 2ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- FLUSSER, Vilém. *Língua e Realidade* – 3ª edição. São Paulo: Annablume, 2007.
- NOGUEIRA, Paulo A. S. Leitura Bíblica Fundamentalista no Brasil: Pressupostos e desenvolvimentos. *Caminhando*. São Bernardo do Campo, vol. 7, n. 2 [10], 2002.
- PIPPER, John. *Coronavírus e Cristo*. São José dos Campos: Fiel, 2020.
- SERIOT, Patrick. *Vološinov e a Filosofia da Linguagem*. *Lingua[gem]*; 62. São Paulo: Parábola, 2010.
- VOLOCHINOV, Valentim. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* – 14ª edição. São Paulo: Hucitec, 2010.
- WRIGHT, N. T. *Deus e a Pandemia: Uma resposta cristã sobre o coronavírus e suas consequências*. São Paulo: Thomas e Nelson Brasil, 2020.
- PITON, Guilherme. Uma breve entrevista com N. T. Wright. Disponível In: <<https://medium.com/@guipiton99/precisamos-ler-a-b%C3%ADblia-com-a-%C3%B3tica-do-primeiro-s%C3%A9culo-551ff43b7bbd>>